

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

Área de Humanidades

A nossa história sobre o *Mbaraka Mirim* ou *Mba'epu*
***Mirim* (o chocalho guarani)**

Acadêmico: Cláudio Ortega Mariano

Orientador: Prof. Dr. Aldo Litaiff

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 23 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 14 horas, na Sala 309 do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor **Aldo Litaiff**, Orientador e Presidente, Professor **João Rivelino Rezende Barreto**, Titular da Banca, e Professor, **Ana Luzia Nunes Caritá**, Suplente, designados pela Portaria nº 23/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Claudio Ortega Mariano**, subordinado ao título: “Mbaraka Mirim - o chocalho Guarani”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi argüido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor **Aldo Litaiff**, a nota final 9, do Professor **João Rivelino Rezende Barreto**, a nota final 9, e da Professora **Ana Luzia Nunes Caritá**, a nota final 9; sendo aprovado com a nota final 9. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Aldo Litaiff

Prof. João Rivelino Rezende Barreto

Prof. Ana Luzia Nunes Caritá

Candidato Claudio O. Mariano



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Claudio Ortega Mariano, matrícula n.º 11100033, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Mbaraka Mirim – o chocalho guarani, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 20 de fevereiro de 2015.

Orientador(a)

Resumo:

Essa pesquisa tratará do Mbaraká Mirim Guarani (chocalho), buscando os conhecimentos sobre a história e a importância que este instrumento sagrado tem na nossa cultura. Até hoje na maioria das comunidades guarani ainda é muito forte o uso desse instrumento tanto na casa de reza pelo xaramoi (Opygua), quanto nos cantos de corais de crianças das aldeias. As pessoas das comunidades guarani já utilizam o Mbaraká Mirim como um dos artesanatos para comercialização. Isso acontece na maioria dos casos por necessidade e principalmente por falta de conhecimento sobre a importância que tem esse instrumento para a nossa cultura Mbya Guarani. Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka, no Município de Biguaçu, através das pesquisas com os mais velhos da comunidade, também a partir de livros específicos sobre o Mbaraka Mirim.

Palavras-chave: Índios Guarani-Mbya, Mbaraka Mirim (chocalho guarani), Identidade Étnica.

Sumário:

Resumo - 3

Apresentação - 4

1. Introdução - 5
2. História do surgimento do Mbaraka Mirim ou Mba´epu Mirim - 9
3. Fórmula da confecção tradicional do Mbaraka Mirim - 15
4. Modo de confecção do Mba´epu Mirim atual - 21
5. Considerações finais - 34
6. Bibliografia – 35
7. Anexos - 36

Apresentação:

Meu nome em português é Cláudio Ortega Mariano, mas em guarani me chamo Werá Mirim (Pequeno Trovão). Sou natural do Município de Maquine, situado no norte do Estado do rio Grande do Sul. Sou acadêmico da licenciatura Intercultural indígena da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), na área de Humanidades, com ênfase Direito Indígena. Atualmente moro na aldeia Mymba Roká, no Município de Biguaçu, Estado de Santa Catarina. Antes eu morava na aldeia de Maciambu, localizada no Município de Palhoça, Santa Catarina. Nessa aldeia tive privilégio de ser nomeado pela comunidade para participar do curso de magistério específico guarani "KUAA MBO'E - CONHECER E ENSINAR", me formando em 2010. Nesse curso tive a oportunidade de aprender muitas coisas importantes, tanto para minha vida pessoal, quanto para a profissional, para trabalhar na educação tradicional na minha comunidade.

No final do ano de 2010 tivemos um vestibular específico para as três etnias de indígenas de Santa Catarina: Guarani, Kaingang e Xokleng, na Licenciatura Intercultural Indígenas do Sul da Mata Atlântica, do CFH da Universidade Federal de Santa Catarina, obtendo aprovação. O curso iniciou no início de 2011 e hoje, final de 2014, apesar de todas as dificuldades, consegui finalizar o meu Trabalho de Conclusão de Curso. Busquei no meu TCC pesquisa sobre história do mbaraka mirim guarani, instrumento musical e ritual muito importante para a religião guarani. Com fé em Nhanderu espero fazer um bom trabalho, para que seja mais um dos instrumentos de ensino nas escolas guarani.

1. Introdução:

Fiz o meu Trabalho de Conclusão de Curso na Licenciatura Intercultural Indígena sobre a história do surgimento e a importância do chocalho de reza para a nossa cultura, buscando os conhecimentos que os mais velhos têm sobre esse instrumento, de como eram construídos, se tinham materiais específicos. Durante esse tempo, aprofundei o meu conhecimento sobre como eram as regras de usos desse instrumento, compostas pelos karaí opy gua, se o mbaraka mirim tem o momento e o local próprio para ser utilizado. Também pretendia saber quem pode usa-lo, e se existia um formato específico para se construí-lo.

Hoje a maioria das comunidades guarani usa esse instrumento, mas sem conhecer a sua história e nem a importância que tem para a nossa cultura, principalmente para os mais velhos. Atualmente o chocalho é mais usado no grupo coral de canto das crianças das comunidades, sendo que já foi incluído como mais um dos artesanatos comerciais. Entretanto, a maioria das pessoas da comunidade, principalmente os jovens e crianças, não tem mais o conhecimento sobre a importância e as regras de uso do mbaraka mirim. Sabemos que os Guarani mais velhos ainda mantêm seu conhecimento vivo em suas memórias. Muitas vezes eles deixaram de lado as práticas de uso desse instrumento, entretanto isso acontece devido ao desinteresse das pessoas das comunidades que ali vivem. Esse trabalho irá ajudar principalmente aos jovens e as crianças Guarani no fortalecimento de teko, a nossa cultura, pois esse instrumento faz parte da história e da identidade do nosso povo.

A identidade étnica (Litaiff, 1991) trata das características específicas de uma cultura diante de outra(s), ou seja: quem somos nós, como somos, por que somos? Ela é constituída por traços que nos torna diferentes diante de outros, ou seja, a identidade surge no contato, através do contraste na constatação da diferença, pois implica na afirmação de “nós” diante do “outro”. Compreende fatores que unificam um grupo humano, diferenciando-o de outros, pois só posso reconhecer um “outro” povo através

da comparação, do contraste. Desta forma, é importante para todos os povos indígenas manterem sua identidade, seu sistema, o que chamamos teko em língua guarani.

Assim, escolhi esse tema buscando os conhecimentos que os xeramoí (nosso avô, os mais velhos) têm sobre o mbaraka mirim ou mba'épu mirim, pois alguns relatos destes mais velhos sobre esse instrumento era, e ainda é muito importante e sagrado para a nossa cultura. Percebi que por alguma razão que quero investigar, com o tempo, esse conhecimento foi perdendo a importância e valorização. Entretanto, hoje percebo que o uso desse instrumento ainda é muito forte na maioria das aldeias guarani, especificamente pelo Karaí opygua (o rezador), nas casas de rezas (opy), durante o ritual noturno, quando é cantada pelas pessoas das comunidades. Por outro lado, também percebi que muitas pessoas da aldeia, apenas usam o mbaraka mirim como mais um dos artesanatos de comercialização para o sustento de suas famílias. Principalmente os jovens e as crianças já não têm mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para a nossa cultura guarani.

O objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi estudar a história do surgimento e a importância do mbaraka mirim na cultura mbya-guarani. Os objetivos específicos são: investigar como era feito e de qual material o mbaraka mirim era construído antigamente, se existiam materiais específicos que os mais velhos utilizavam na construção. Analisar o conhecimento que os mais velhos têm sobre as regras de uso desse instrumento, por quem é utilizado, em quais momentos os xeramoí (avôs, os mais velhos) o usam e usavam. Finalmente, pesquisar se existiam instrumentos específicos para cada ritual diferente.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka ou Biguaçu, localizada no litoral norte do Estado de Santa Catarina, através de entrevistas realizadas com três pessoas sábias da comunidade. A pesquisa foi feita também em livros sobre a cultura guarani especificamente sobre o mbaraka mirim. Escolhi esse tema, pois quero buscar esses conhecimentos que os xeramoí têm sobre esse importante instrumento musical de reza. Constatei que em alguns relatos dos mais velhos esse instrumento é e ainda é muito

importante e sagrado para a nossa cultura; entretanto, com o tempo ele foi se perdendo sua importância e valor.

Mas até hoje vejo que ainda é muito forte o uso desse instrumento na maioria das aldeias guarani, nas casas de rezas pelos Karaí opygua e, também pela as pessoas das comunidades, porém a maioria das pessoas da aldeia apenas usa o mbaraka mirim como mais um dos artesanatos, na comercialização para o sustento de suas famílias e, principalmente os jovens e as crianças já não tem mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para a nossa cultura guarani. Por esta razão quero buscar esse conhecimento que os mais velhos têm sobre o mbaraka mirim. Porque através dessa pesquisa quero registrar no papel os conhecimentos milenares dos nossos antepassados sobre mbaraka mirim. Também vou realizar esse trabalho com intuito de repassar esse conhecimento para os jovens e crianças guarani, para que eles mantenham vivos e fortalecer cada vez mais esses conhecimentos do nosso povo guarani sobre o mbaraka mirim, pois esse instrumento faz parte da história e o cotidiano do nosso povo guarani.

Esse trabalho foi realizado na aldeia Mymbá Roka-Biguaçu, através de pesquisas com as pessoas sábias da comunidade e também a partir de livros que tratam da cultura e sociedade guarani. Pretendo registrar entrevistas através de gravações e da posterior escritas dos relatos de histórias e dos mitos, que são os conhecimentos milenares dos nossos antepassados, contados pelos mais velhos guarani, que também tratam da origem do mbaraka mirim. Logo, entrevistei os mais velhos e também os mais novos sobre o uso e significado desse instrumento. Fiz fotos desses chocalhos e dos xeramoí tocando estes instrumentos. Assim, o meu TCC foi basicamente constituído pelos relatos dos mais velhos e pelas fotografias da venda dos chocalhos e das fotos tiradas durante a execução das músicas e dos rituais. Realizei esse trabalho com intuito de repassar esse conhecimento para os mais jovens e crianças guarani, para que eles se mantenham vivos e fortalecer cada vez mais teko (sistema, cultura), conhecimentos que fazem parte da história e o cotidiano do nosso povo desde sempre.

A metodologia utilizada neste trabalho a conversa (entrevista) com os Xeramoy da aldeia, registrando relatos de histórias mais recentes e mitos contados pelos mais velhos guarani sobre o mbaraka mirim. As técnicas utilizadas foram a fotografias, gravação das conversas, desenhos feitos pelos Guarani das comunidades pesquisadas. Além disso, como foi dito acima, fiz uma pesquisa bibliográfica em alguns livros sobre o mbaraka mirim Guarani e também livros dos autores jurua (não-índios), que pesquisaram e pesquisam a cultura guarani, especificamente sobre o mbaraka mirim, seu uso e explicações a respeito desse instrumento musical.

2. História do surgimento do mbaraka mirim ou mba'epu mirim

Há muito tempo atrás, existia um semideus chamado “Nhanderu Mirim” que vivia nesse mundo que vivemos hoje. Nessa época o “Nhanderu Mirim” tinha um tipo de ruína onde era a sua morada. Ele vivia nesse “Yvy vaí” como os mais velhos chamam esse mundo, por opção de “Nhanderu hete”(Deus). Ele o enviou com uma missão a cumprir nesse “Yvy vaí”. Então a missão que o Nhanderu hete deixou para o “Nhanderu Mirim”, era proteger o povo que viviam nesse “Yvy Rupá”, de todo o mal que existe nesse Yvy vaí, cumprindo essa missão direitinho como o Nhanderu Hete queria. Ele levaria o Nhanderu Mirim de volta para “nhanderu retã”, a morada do Nhanderu Hete. Assim ficou o Nhanderu Mirim cumprindo a sua missão na terra como o guardião do nosso povo. Assim passaram-se anos e anos e ele lá com o seu instrumento sagrado rezando todos os dias e noites. Até que num certo dia cumpriu a sua missão nesse mundo e, chegou o dia de Nhanderu Mirim retornar para a morada de Nhanderu Hete (Yvy Maraen’y). Assim realmente ele retornou para Yvy Maraen’y com a missão cumprida. Mas como ele é o guardião do povo guarani, falou consigo mesmo e diz: “vou deixar as sementes para construir um instrumento para meus irmãos lembrarem-se de mim eternamente, usando e tocando meu instrumento”. Assim ele se foi deixando as suas sementes nesse mundo.

Certo dia nasceu um menino guarani, mas havia um problema com essa criança. Durante o primeiro ano o menino não crescia com saúde. Estava sempre doente e com quase dois anos de idade, ainda não conseguia andar, a criança era muito magrinha e fraca. Seus pais ficaram bem preocupados com o destino de seu filho. Numa noite o pai dele sonhou com Nhanderu. No sonho Nhanderu lhe disse que enviou o menino para este mundo para ser o “yvyra’ija” desse povo. Então esse menino foi escolhido pela comunidade para que ele fosse o líder da aldeia e consequentemente o “yvyra’ija” do povo Guarani. Seria um protetor espiritual, mas era preciso que ele sarasse e crescesse forte e saudável, pois só assim poderia ser o yvara’ija (pajé ou chamam). Para que isso

ocorresse com criança o pai deveria construir o mbaraka mirim ou mba'epu mirim para seu filho.

Através daquele sonho que o pai do menino teve, recebeu também a revelação de que o Nhanderu Mirim, antes de retornar da terra, tinha deixado algumas sementinha de cabaça num lugar onde, esse pai do menino sempre rezava. No dia seguinte o homem foi num lugar sonhado e realmente as sementes estavam lá. Então ele pegou e levou para plantar como o Nhanderu pediu no sonho e que quando crescesse a planta e tivesse cabaça do tamanho certo, era para ser construído um instrumento sagrado, mas que esse instrumento deveria ser chamado de mba'epu mirim e assim foi feito. Desde a época a cabaça é muito importante para o utensílio. Porque ela tem várias utilidades: usa-se para colocar água, mel, farinha e outros alimentos tradicionais e importantes para o cotidiano da aldeia. Por esta razão o Nhanderu aconselhou a este homem fazer o Mba'epu mirim para seu filho de hy'akua (cabaça). O pai assim o fez, o primeiro Mba'epu Mirim, furou uma cabaça despejou as sementes e dentro dela fincou uma pequena madeira chamada guajuvira, que lhe serviu de cabo do instrumento e semente colada era guãpim'í, pois as sementes a serem colocadas dentro daquela cabaça não poderiam ser qualquer tipos de sementes deveriam ser especiais como guãpim'í, aguái, yvau'í ou kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora), só elas tinham o som certo para dar poder ao yvyra'íja à ter forças para enfrentar o mal espíritos e fazer a cura para o seu povo. Depois do instrumento pronto, até então um simples objeto que soltava o som, foi preciso usar o petyngua (cachimbo guarani) e soprar uma baforada de fumo no objeto musical para que ele se tornasse um instrumento sagrado.

O homem ainda guiado pelo seu sonho acendeu seu petyngua (cachimbo) e começou a assoprar e a fumaça envolveu o instrumento como um leve manto suave. Então o chocalho se transformou em um instrumento de uso sagrado. Feito o mba'epu mirim o pai deu esse objeto sagrado ao seu filho, ainda estava doente. Nhanderu orientou então que pai e filho continuassem a dar baforada naquele instrumento sagrado e, que toda a tarde o pai ensinasse o menino a toca-lo, mas era importante entoar o som certo. Assim, passaram-se vários dia e meses e eles aprenderam a tocar brincando juntos, cada um tocando seu mba'epu mirim, e assim o menino sarou de sua doença com força desse

instrumento sagrado. Quando se tornou jovem e sadio. La por volta de quatorze anos o menino já estava preparado para curar as pessoas das doenças, e principalmente curando as doenças espirituais de seus parentes da aldeia. Assim era a vida desse jovem no dia a dia na comunidade, ele vivia sempre rezando, com seu inseparável instrumento sagrado que o salvou da doença, quando era criança. Ao aprender a tocar corretamente seu Mba'epu mirim, ele adquiriu a força e se tornou um yvyra'ija, o guardião enviado por Nhanderu. Esse instrumento sagrado é chamado de Mba'epu Mirim, porque ele é deixado e era usado por Nhanderu mirim nas rezas que fazia para Nhanderu heté, pedindo a proteção das pessoas. Assim, surgiu o Mba'epu mirim. Por isso, “até hoje todos os guarani passaram a fazer o mba'epu mirim como o sonhado”.



O menino sonhador e (a seguir) índio Guarani caçando (foto de Claudio Ortega Mariano)







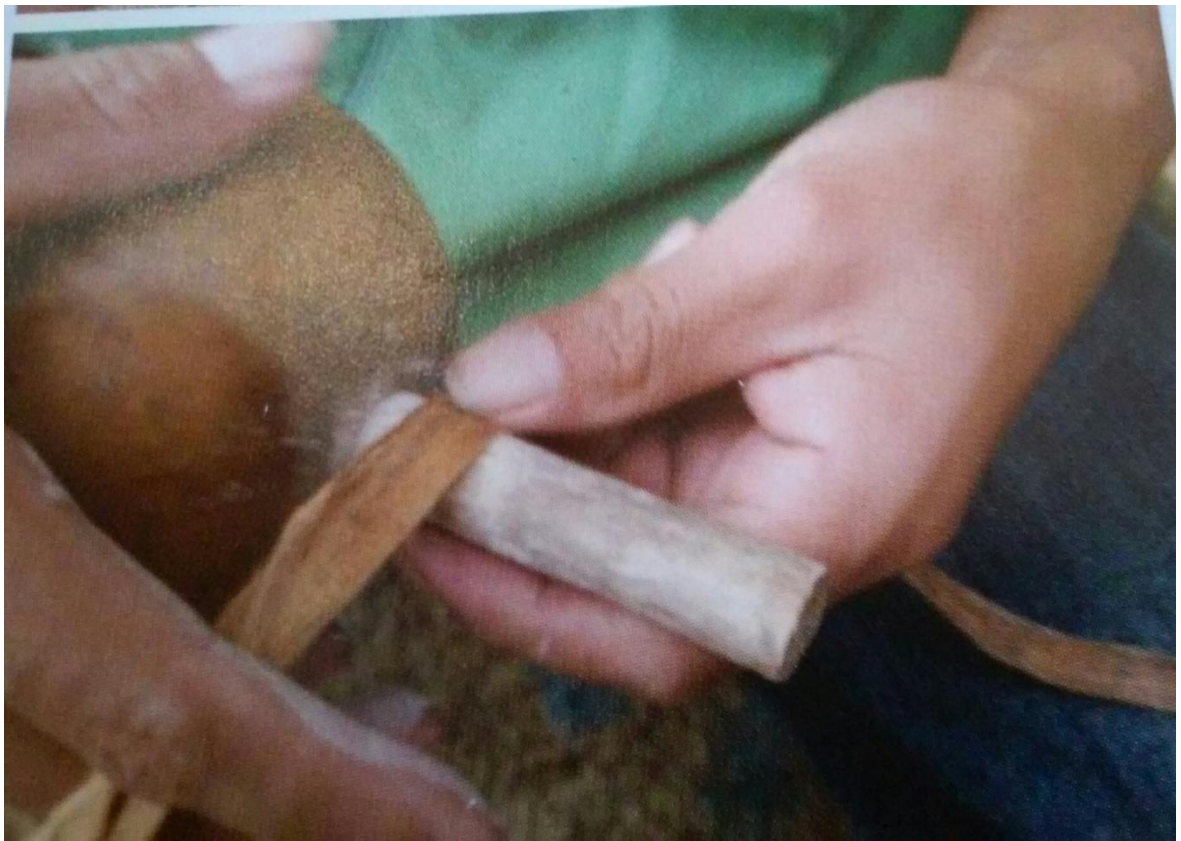
Guilherme Bentes e seu mba'epu mirim, 9 anos (foto de Claudio Ortega Mariano, 15-12-2014)

3. Fórmula da confecção tradicional do mba'epu mirim

- Colher uma Cabaça (hy'akua) e deixar secar ao sol.
- Fazer uma abertura na cabaça e inserir dentro dela sementes de guãpi'í, aguái, yvau ou pode ser também kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora).
- Cortar um pedaço de madeira específica para confecção de mba'epu mirim que nós guarani chamamos de nhandyta para fazer o cabo do chocalho.
- Fixar a madeira à hy'akua com fios de embira ou cipó Imbé usando cera de abelha como colante.
- Colher uma Cabaça (hy'akua) de globular e deixar secar ao sol.
- Fazer uma abertura na cabaça e inserir dentro dela sementes de yvau ou pode ser também kapi'í'a (lágrimas de nossa senhora).
- Cortar um pedaço de madeira específica para confecção de mba'epu mirim que nós guarani chamamos de nhandyta para fazer o cabo do chocalho.
- Fixar a madeira à hy'akua com fios de embira ou cipó Imbé usando cera de abelha como colante.

Atualmente os jovens já não tem mais o conhecimento de como antigamente era as confecções desse instrumento sagrado. Porém os mais velhos guarani ainda matém esse conhecimento de como é o modo tradicional de confeccionar o mba'epu mirim para usar nas rezas, batismo ou nos rituais de cura, conforme as seguintes fotos (de Claudio Ortega Mariano):









Mba'epu Mirim tradicional (foto de Claudio Ortega Mariano)



Casa de reza na aldeia Mymbá Roká (foto de Claudio Ortega Mariano)



Mba'epu Mirim atual (foto de Claudio Ortega Mariano)

4. Modo de confecção do mba'epu mirim atual

- Colher uma cabaça de qualquer formato ou tamanho raspar e deixar secar ao sol.
- Fazer uma pequena abertura nos dois lados da cabaça em forma vertical e inserir dentro dela sementes, pedrinhas, conchas do mar ou quaisquer elementos naturais que resulte em som.
- Cortar qualquer tipo de madeira de madeira, como taquara lixa, bambu etc., para fazer o cabo.
- Fixar a madeira à cabaça com barbante usando cola comum para fixar.
- Adornar o topo da cabaça com as penas de galinha (caipira ou d'angola), colorindo-as como a sua preferência.
- Pirogravar a cabaça com os traçados diversos, traçados dos símbolos de animais como peixe ou cobra, que são os mesmos grafismos utilizados nas cestarias guarani e isto depende da criatividade das pessoas que estão confeccionando esses instrumentos, conforme as seguintes fotos (de Claudio Ortega Mariano):





D. Tereza Ortega confeccionando mba'epu mirim, aldeia Mymba Roka (foto de Claudio Ortega Mariano, 05-11-2014)



Mba'epu mirim confeccionado para as apresentações culturais e comercialização (foto de Claudio Ortega Mariano)

O mba'epu mirim é feito de cabaça. Porém os Guarani que habitavam o litoral, também produzia esse instrumento de coco. Depois que a cabaça foi recolhida, devemos tirar todas as sementes e esperar dois ou três dias. Quando estiver pronto devemos levar para a casa de reza para que fique lá junto com os demais instrumentos que o Karaí opy gua utiliza na reza ou na cerimônia. O mba'epu mirim é um instrumento de percussão masculino e também é muito sagrado na nossa cultura guarani. Seguindo a tradição, ele é confeccionado somente pelos homens, com fins ritualísticos e religiosos, homens e meninos chocalham o instrumento para frente e para trás e posição vertical ou horizontal, dependendo do canto ou músicas e do momento ritual, a cabaça se agita em ritmos regulares, ao final de cada canto entoado por todos Mba'epu hete'i, o mba'epu mirim é tocado individualmente por um líder espiritual de forma continua e ininterrupta por alguns segundos, sempre acompanhado pelo outro instrumento muito importante para os Guarani que é o Angu'apu ou mba'epu'i, tambor. Desde antigamente esse instrumento para os Karaí opygua kuery já era indispensável no acompanhamento do mba'epu mirim nas rezas. O Mba'epu Mirim também é tocado nas dança de Xondaro (dança dos guerreiros guarani), sendo que essa prática de dança geralmente acontece no pátio da Opy'i (casa de reza) e também são utilizados quando tem visita ou despedidas dos parentes das outras aldeias, acompanhado com a dança dos guerreiros e guerreiras da aldeia.

Nas praticas de curas tradicional guarani é entoado sem acompanhamento de outros instrumentos. Nessas situações específicas de reza, chocalha-se em diversas posições e ritmos, de modo vibrante e em postura concentrada neste instrumento de uso sagrado, as sementes devem ser somente yvau'in, guãpi'in ou kapi'í'a, a fim de que o som seja capaz de evocar os ensinamentos de Nhanderu hete. E só quem é guarani pode distinguir que som é esse. Ate hoje os Xeramoi kuery usam esse instrumento nas rezas, cerimônias e principalmente nas praticas de cura, porem já com o acompanhamento do violão feito pelo os Jurua (Branco). Essa prática de utilizar o violão nas rezas, vem

desde a época do contato com os não índios. Mas como o Mba'epu Mirim ainda é sagrado para nós e para os mais velhos rezadores, que ainda geralmente nas práticas de curas, os karaí opyguá sempre toca o mba'epu mirim, mas sempre acompanhado pelo som do violão e violino. Esse instrumento, o violão, foi adaptado pelo os karaí opyguá de acordo com a necessidade, para que o som tenha a harmonia com os demais instrumentos guarani.

Por essa razão o violão que os karaí opyguá (pajé) usam nas rezas tem apenas cinco cordas e, afinação do Mbaraka (violão) é diferente da afinação normal dos não índios. Nesse passar do tempo, esse instrumento foi se tornando um dos mba'epu'i mais importante nas práticas religiosas do povo Guarani, sempre junto com o mba'epu mirim. Por esta razão os sábios e rezadores mbyá incluíram o mbaraka (violão) como mais um dos instrumentos muito importante nas danças, rezas e curas guarani. Mbaraka mirim, como a maioria de nós jovens guarani chamamos hoje esse instrumento, essa denominação vem do mbaraka. Isso porque o mba'epu mirim é tocado pelos mais velhos, sempre acompanhados pelo mbaraka. Por esta razão também foi denominado por mbaraka mirim. Esse dois instrumentos são muito importantes para os karaí opyguá nas rezas e curas até dia atual. Hoje a maioria dos jovens e crianças Guarani não tem conhecimento da história da origem desse instrumento sagrado, como foi o início de toda a sua história etc. Porém para os mais velhos Guarani, esse instrumento ainda é um dos meios mais importantes para manter e fortalecer cada vez mais a nossa cultura, a identidade de ser guarani (ver fotos seguintes de Claudio Ortega Mariano).









Kova´ema kapi´i´a (lágrimas de nossa senhora - foto de Claudio Ortega Mariano)

Misturando a outras sementes, o kapi´i´a também é usado pela maioria das pessoas das comunidades guarani para fazer colares, que podem ser feitos para o uso próprio ou para comercializá-la aos Juruá. Já o mbaraka mirim ornamentado é feito para a comercialização e apresentações culturais, sendo também produzidos pelas mulheres. Neste caso, são entoados ao gosto do Juruá, seguindo os critérios rítmicos aleatórios. O som emitido pelo objeto decorado para a venda não é igual ao que é tocado na Opy. Neste instrumento de uso para comercialização e apresentações culturais, as sementes podem ser de acordo com o gosto de cada pessoa que confecciona o instrumento. Portanto, neste caso, não há sementes específicas.



Secagem das cabaças ao sol para confecção do mba'epu mirim (foto de Claudio Ortega Mariano)

Venda de artesanatos feitos na aldeia Mymba Roká (foto de Claudio Ortega Mariano - 03/12/2014), conforme sequência a seguir:





5. Considerações finais:

O foco principal deste trabalho foi desvendar a história contada pelos mbya kuery sobre a origem do mbaraka mirim, busquei esses conhecimentos entrevistando algumas pessoas da minha comunidade da aldeia Mymba Roká. Realizei o meu trabalho através das conversas e algumas gravações com três sábios de minha comunidade. Nessa caminhada de trabalho tive algumas dificuldades, porém também tive muitas aprendizagens com as pessoas entrevistadas, que me ajudaram muito para que esse trabalho fosse concluído como nós queríamos. Graças á ajuda deles e com muito esforço consegui concluir o meu trabalho de pesquisa.

Durante essa pesquisa percebi também que a questão que mais interfere atualmente na desvalorização do mba'epu mirim pelos os mais jovens guarani é o intenso contato com a tecnologia dos não índios, que praticamente invadiram as comunidades guarani, por isso hoje os jovens e crianças valorizam mais essas tecnologias modernas, que deixaram de dar valor no que é da nossa cultura, nossa história. Realizei esse trabalho com intuito de conscientizar os jovens e crianças da minha comunidade e consequentemente os jovens guarani em geral, para que eles tenham mais o conhecimento da importância que esse instrumento tem para os nossos Xeramoí e para a nossa cultura.

Esse instrumento mba'epu mirim é um dos símbolos mais importantes na nossa cultura. Pois, através da simples existência desse instrumento, podemos nos identificar, considerando, finalmente, que a identidade surge no contato, através do contraste, da constatação da diferença, pois implica na afirmação de “nós” diante do “outro”. Compreende fatores que unificam um grupo humano, diferenciando-o de outros, pois só posso reconhecer um “outro” povo através da comparação, do contraste. Desta forma, é muito importante manter a nossa identidade, para nós, o nosso teko, o nosso modo de viver e de ser guarani.

Bibliografia:

CADOGAN, León. « Las Tradiciones Religiosas de los Mbya-guarani del Guaira ». In: *Revista de la Sociedad Científica del Paraguay*. VII – 1, Assunção, Paraguai, 1946.

_____. « Ayvy-Rapyta (fundamentos da linguagem humana) ». In: *Revista do Museu Antropológico*. Vol. 1 e vol. 2. São Paulo, Brasil, 1953.

LITAIFF, Aldo. *Representações Étnicas dos Mbya-guarani do Rio de Janeiro*. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

MELIÀ, Bartomeu. « A Terra sem Mal dos Guarani, economia e profecia ». In: *Revista de Antropologia*, vol. 33, Faculdade de Ciências Humanas, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

SCHADEN, Egon. « Características específicas da cultura Mbya-guarani ». In: *Revista de Antropologia*. vol. XI, São Paulo, 1963.

_____. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

ANEXO:

Pessoas entrevistada



Eu com a minha mãe, Dona Tereza Ortega (todas as fotos a partir desta são de Claudio Ortega Mariano, 23-10-2014)



Minha mãe, Dona Tereza Ortega, 59 anos, aldeia Mymba Roká (23-10-2014)



Senhor Alcides Bentes, 85 anos e esposa, aldeia Mymba Roká (13-10-2014)



Eu e meu amigo Fabiano Bentes, 32 anos, aldeia Mymba Roká (20-12-2014)